Aveiro, 15 de Junho de 1968 * Ano XIV * N.º 710

Litoral

SEMANÁRIO

Director e Editor — David Cristo * Administrador — Alfredo da Costa Santos * Proprietários — David Cristo e Francisco Santos
Redacção, Administração, Compos. e Impres. na Tipografia «A Lusitânia», Rua do Sarg. Clemente de Morais, 12 — Telef. 23886 — AVEIRO

BREVE SALÃO AVEIRO IV

INQUÉRITO AOS EXPOSITORES

PROCURANDO uma aproximação público-artistas em relação à mostra de pintura patente no Teatro Aveirense até 30 de Junho, dirigimos um pequeno inquérito (que mais não é que uma tentativa de conversa) aos expositores cujos trabalhos mais nos interessaram. Esperamos fazer uma pequena entrevista, no final, a Carlos Santos, o homem da «pintura ingénua». Começamos esta conversa por Jeremias Bandarra e Artur Fino. Emerenciano e Letab serão os seguintes.

1. Em que medida acha que VALE A PENA o Salão Aveiro?

JB — O salão vale como estímulo para os artistas da cidade, que não têm possibilidades de contactos extra-muros. Serve na medida em que mostra ao público de Aveiro por que caminhos anda a pintura actual.

AF — Sou alérgico a inquéritos cuja construção está antecipadamente feita. Gosto mais do diálogo. Mas como nem sempre se nos depara a oportunidade de estabelecer diálogo válido (ou colóquio, de preferência), eis-me: o Salão Aveiro é um veículo. O despertar após um bocejo de tédio controlado. Uma motivação. A alavanca que tira para fora da cama a arte que sonha na alma. Acho que vale a pena o Salão. Mesmo muito. Extraordinàriamente. Viva o Salão!

2. O que representa para si, concretamente, a pintura que faz?

JB — Para mim a arte em si é essencialmente criação. Tendo a faculdade de poder criar, a pintura é para mim o veículo principal de realizar realizando-me. Seguindo as teorias Zen da Simplicidade, para mim a pintura é um respirar. Um respirar profético. De resto, a pintura não é nem mais nem menos, para mim, do que o reflexo do que sou.

AF — Da humildade simples das mãos que expressam o consciente e o subconsciente da alma advém a necessidade da minha criação pictórica. É a evasão que sai finalmente, liberta, para o Sol da paz-amor. A conceptualização (como veículo da inteligência para pensar abstractamente) não pode exercer-se a menos que dê forma essencial ao que fundamentalmente encontra na realidade sensível. Se a pintura é pura, é natura. Um facto pic-

Continua na página 4

ÉPOCA de EXAMES | A PROPÓSITO DUM LIVRO ESTIMÁVEL

DR. A. J. S. BARATA DA ROCHA

APROXIMA-SE a passos agigantados, em determinados sectores no nosso ensino, tendo começado já noutros, a época atarefada e profundamente angustiante dos exames. Começa a tomar vulto um silencioso diálogo, nem sempre elegante e compreensível, entre alunos e professores, entre pais e filhos, entre governados e governantes. Época de intenso calor e de arrepios sem fim, é ela, por vezes, que decide um destino, que modifica uma alma, que revolta um santo, e que gera um psicopata ou um delinquente.

Nesta época, muitos pais, bons sob muitos aspectos (haverá pais que não sejam bons?), mas sem o mínimo conhecimento de pedagogia ou psicologia e sem a menor noção do que seja o seu filho como estudante, discutem, diante do descendente ou em ruidosas assembleias familiares, o valor dum professor, a sua atitude durante o ano lectivo, como orientador de almas, a sua eficiência profissional ou até mesmo a sua cultura geral, sem o conhecerem pessoalmente; e, nesta época, também, muitos professores, sem que tal atitude tenha uma explicação lógica, são incompreensíveis durante os exames, durante esse julgamento tão rápido que fazem dos alunos, esquecidos do ambiente, tantas vezes impróprio, que os cerca e que tanto pesa sobre os jovens cérebros, alguns deles com a noção perfeita das suas responsabilidades, cérebros que se esforçam por dar o melhor que sabem e o melhor que podem, mas que, vítimas de inibições momentâneas, fruto duma angústia, se transformam, nessas horas indescritíveis, em cérebros de aparentes ignorantes.

E as reprovações que se seguem geram verdadeiros dramas, dramas que se avolumam com uma crescente crítica ao binómio professor-aluno, mas que nem sempre incide, como seria da maior justiça, sobre a temática dum programa, ou do ambiente em que esse programa é explicado ou desenvolvido, de forma a tornar-se harmónico e proveitoso a quem dele se devia apropriar, para se tornar, mais tarde, um adulto bem formado e cônscio dos seus deveres e possibilidades.

Sem querermos discutir a quem cabe a responsabilidade desse mal nacional (nem estas linhas foram escritas com tal fim); sem nos preocuparmos, neste momento, com as responsabilidades

Continua na página 4

«O DIÁRIO DE ANNE FRANK»

JÚLIO HENRIQUES

ACERCA DA CRÍTICA DE JORGE LAGOS

1.º — Aleluia! Mais uma vez embora isoladamente aparece uma crítica a um espectáculo do Ceta num jornal de Aveiro. Congratulemo-nos! Só é pena que o crítico não seja cá do burgo. Foi preciso que viesse de Coimbra.

2.º — Em relação à questão da escolha do tipo de teatro mais conveniente aos grupos experimentais, Jorge Lagos tem razão. Em grande parte. Noutra grande parte não tem. Porque: como é possível fazer-se teatro experimental, de vanguarda, se a «questão público» existe sonora? É certo que uma das razões de ser do Teatro Amador é pôr cá fora coisas novas, experimentar. *Gritar.*

Continua na página 4

BODAS de DIAMANTE da ESCOLA INDUSTRIAL e COMERCIAL

Uma portaria, de 28 de Outubro de 1893, criou a Escola de Desenho Industrial de Aveiro. Assim foi que, há 75 anos, se lançaram os caboucos do ensino técnico local, que haveria de projectar-se, ao longo de três quartos de século, nos diversos sectores da indústria, do artesanato e do comércio aveirenses, com os magníficos resultados que bem se patenteiam nos progressos económicos da região.

A expressiva efeméride vai ser condignamente relevada na próxima quinta-feira, 20, com um programa cuidadosamente elaborado pelo actual e dinâmico Director da Escola Industrial e Comercial de Aveiro: de manhã, missa campal e, logo após, exercícios de ginástica e atléticos pelos alunos; de tarde, às 16 horas, sessão solene, com a honrosa presença do Chefe do Distrito, do Director-Geral do Ensino Técnico e doutras altas individualidades; em seguida, abertura duma vasta exposição de trabalhos escolares.

HOMEM CHRISTO FILHO

No tope duma ascese brilhantíssima, morreu tràgicamente há quatro décadas — que rigorosamente se completaram na pretérita quarta-feira, 12 — o português do mundo que o mundo conheceu pelo nome de Homem Christo Filho. Morreu — alguém o disse na altura — como viveu: à semelhança do meteóro que se pulveriza no auge de vertiginosa carreira. Os seus actos foram discutidos e julgados de todos os ângulos — mas foram discutidos e julgados como atitudes de um homem de invulgares atitudes, porque Homem Christo Filho era um homem invulgar. Raríssimos têm atingido culminâncias tão elevadas apenas em pouco mais de 36 anos de vida. Inteligência agudíssima, vontade de bronze, coragem indómita, pode dizer-se que lhe vieram do berço com os primeiros vagidos—tão precocemente se lhe evidenciaram qualidades ímpares que haveriam de lançar a sua forte personalidade aos ventos da crítica: ou fosse porque já lia aos 3 anos, ou porque entrava aos 8 no liceu, ou porque aos 13 comandava uma greve académica, ou porque aos 15 assinava artigos de fundo nos diários, ou porque aos 16 transpunha a Porta Férrea da Universidade de Coimbra, ou porque aos 17 arrebatava o público brasileiro com notabilíssimas conferências, ou porque...

Há 40 anos — precisamente se contaram há três dias — desaparecеu do mundo um homem do mundo, um português com raízes paternas nestas terras de Aveiro.

Tudo o que foi Homem Christo Filho será dito neste jornal, pela pena, a um tempo brilhante e isenta, de Albino Lapa — em longa biografia que, de há muito escrita, de há muito merece a luz da publicidade.

MORREU HÁ 40 ANOS

OFERECE-SE

Para escritórios, senhora, casada, com os cursos de contabilidade e dactilografia.

Respostas ao n.º 45 desta Redacção.

Oferece-se

Para empregado de escritórios, rapaz, com 17 anos, frequência do Curso de Aperfeiçoamento de Comércio, encartado em dactilografia.

Respostas a esta Redacção ao n.º 35.

Quartos

Alugam-se a pessoas respeitáveis.

Informações: pelo telefone n.º 23562 — Aveiro.

Tribunal Judicial da Comarca de Aveiro

ANÚNCIO

2.ª Publicação

No dia 10 do próximo mês de Outubro, pelas 14 horas, no Tribunal desta comarca e nos autos de execução ordinária que a exequente Olívia de Almeida, viúva, doméstica, residente no lugar e freguesia de Oliveirinha, desta comarca, move ao executado António da Silva Castro, solteiro, maior, agricultor, residente em Oliveirinha, desta comarca, há-de proceder-se à arrematação em hasta pública dos direitos a seguir indicados, penhorados ao executado, os quais serão entregues a quem maior lanço oferecer acima do valor porque serão postos pela primeira vez em praça e que adiante se indica.

Direitos a arrematar:

1.º

1/4 duma vinha e terra lavradia, na Várzea do Moínho, freguesia de Oliveirinha, confrontando do norte com José da Silva Marcelino, do sul com João Ramos, do nascente com caminho e do poente com vala hidráulica. Vai à praça pelo valor de 2 975$00.

2.º

1/3 dum prédio de casas térreas e terreno lavradio com suas pertenças, na Granja de Cima, freguesia de Oliveirinha, confrontando do norte com Manuel Maria Figueira, do sul com estrada, no nascente com Mário Marques da Cruz e do poente com José Caetano Loureiro. Vai à praça no valor de 5 240$00.

Aveiro, 24 de Maio de 1968

O Juiz de Direito do 2.º Juízo,
Orlando João da Silva e Melro

O Escrivão da 1.ª Secção,
Armando Rodrigues Ferreira

Litoral — Ano XIV — 15-6-68 — N.º 710

Terreno

Vende-se, em Horta, próprio para construção, com cerca de 1972 metros. Tratar com Agostinho Marques Lopes, Agras do Norte, Esgueira, das 9 às 15 horas, ao domingo.

Breve e serena resposta aos «Coaxos» do Sr. Dr. Mário Sacramento

Dr. José Marmelo e Silva

«Já esperava» — diz — a minha «colherada» e afinal abespinhou-se, quando lha proporcionei.De muito mau humor e um tanto ambìguamente, lá acaba por dar a mão à palmatória. (Depois de ter deixado cair, dessacralizada, a lâmina incomparável de Homem Cristo).

Entendamo-nos. Vi sempre em Mário Sacramento um homem reflectido, e assim, como todos sabem, conseguiu ele *ascender*, estòicamente, como poucos intelectuais do nosso tempo. Não oculto, porém, que me desagradam de quando em quando certos seus juízos precipitados. Feita de raspão ou não sei se preconcebida, a sua crítica a «O Ser e o Ter», por exemplo, suscita em não poucos leitores dúvidas insondáveis. «Um livro infeliz» — diz agora. E prová-lo? Nem uma palavra que o testemunhe e, se a alcança, desfaz-se esta logo em pó. *Infeliz*? A *infelicidade* de uma ou duas de críticas não basta para comprová-lo. Chama a si os demais críticos? Mas esses, pelo menos, tentam compreender. Não se ficam pela insinuação multímoda, não falam de «amizades» — tecla irritante! — exprimem-se ora por fás ora por nefas, cada qual assumindo uma responsabilidade frontal. Agora dizer «Não gosto deste livro»... — algum dia foi expressão dum crítico? E falar a cada passo de «amizades» — com que fim? Acaso lhe pedi eu já directa ou indirectamente apreciações correspondentes ao meu grau de estima? E nem nos venha de novo com o «dobrar de cerviz». Por demais sabemos nós de quanto há aí (de «enfatuado», não) mas de orgulho... diga com franqueza!

Se não fosse orgulhoso, Mário Sacramento, teria já aproveitado o ensejo de confessar: — Sim, não há dúvida, «as rãs *ronronando* nas têmporas, nos poros...» constituem, naquele instante dramático, um fundo musical, uma sonorização que acompanha, e bem, o estado emocional da personagem, — estado emocional que é ali de remorso e frustração amarga da aventura... Custa-lhe tanto assim reconhecer isto? Proclama — e tão seguro! — a «liberdade da linguagem (literária, sobretudo...)» e esquiva-se ao poder mágico da poesia? Até quando supõe fazer-nos crer que não entende?

JOSÉ MARMELO E SILVA

RONRONS

Dr. Mário Sacramento

Dos coaxos salinos o meu caro Marmelo e Silva passou ao ronrons seráficos. Extasiêmo-nos:

1. *Já esperava...*

Não era difícil, uma vez que me informara, por carta, ter ficado descontente com a minha crítica, que não lisonjeava o seu amor próprio.

2. *Abespinhou-se...*

Se entro em casa e me cheira a esturro, *já espero* que a refeição esteja estragada. Mas abespinho-me? Só se me obrigarem a tragá-la. No meu código de atitudes a tomar, dou a cada um o que lhe caiba. E não fui eu quem procurou esta chicana. *À tout Seigneur tout honneur.*

3. *Deu a mão à palmatória...*

O melhor é reler. E servir-se, se não chegou a fazê-lo.

4. *Dessacralizada...*

Pudera não!

5. *Entendamo-nos...*

Era por aí que devia ter começado. E, como Marmelo e Silva tem cartas minhas, posteriores à crítica, em que lealmente me explico, é forçoso concluir que o seu remoque se destinou à galeria. (Dos imortais, acrescento).

6. *Desagradam...*

Tem todo o direito. Excepto em causa própria. Não contesto direitos: luto por eles.

7. *Precipitados...*

Como... o *Com licença!...* ou não?!

8. *Feita de raspão ou não sei se preconcebida...*

Tem graça e não ofende, como já acontecera aos *honrado crítico* e demais espasmos com que já me mimoseara.

Embora com mágoa do espaço que tome a questões mais ponderosas que as desta pequena vaidade ferida, a única maneira que tenho de ser julgado em consciência pelos leitores é transcrever na íntegra a recensão que fiz ao livro de Marmelo e Silva (*Diário de Lisboa* de 21-3-68):

Se a arte responde ao Enigma com outro enigma, como tenho pretendido, é óbvio que os dois enigmas são distintos, só podendo o segundo ser resposta ao primeiro se, não obstante a plurivalência de interpretações problemáticas que como enigma ofereça, tiver sido limitado pelo artista a um leque de conexões fundamentais, que o mesmo é dizer: de soluções plausíveis. É lugar comum reconhecer que, à medida que matura, um grande artista é cada vez mais ele próprio. E que, por muito intencionalmente aberta que seja uma obra, nunca consente uma total liberdade de significações, sob pena de se negar como obra — ou como estrutura, para usar a terminologia em moda. É inquestionável que a grande criação só o é porque nos obriga a colaborar com ela recriando-a como subjectividade estética, ou seja, dizendo-nos que, sem o artista larvar que há em todos nós, nenhuma obra artística seria possível, pois não passaria dum solilóquio incomunicável.

Mas a quota-parte de criação que o autor, para sê-lo, tem de compartilhar connosco está confinada a uma gama ideo-sensível que é a sua resposta ao Enigma comum. Nesse contexto, a ironia também é uma resposta, mas tão complexa e paradoxal por natureza, que mais do que todas repele a muitos. Veja-se o Blow Up, *por exemplo. Já li e ouvi muitas coisas sobre ele. Mas não dei fé de que se situasse na própria ironia-da-abertura o seu fulcro estético, que se me impõe como uma evidência. Ele é o* Elogio da Loucura *do nosso tempo. E há quantos séculos não se discute o sorriso da Gioconda?!*

Mas deixemos esse bom do Antoniani, a quem nós — Mecenas da plateia e do balcão — estamos prontos a exigir só Madonas ou Ledas, esquecidos de que naught may endure but Mutability *— disse-o Shelley, que lera Camões. Já desse parecer não era Hamlet, que só encontrava nos livros palavras, palavras, palavras. Mas por isso mesmo ficou sendo Hamlet, que o mesmo é dizer: enigma em pessoa.*

Defendendo a sua obra pretérita mais do que iluminando a de agora, José Marmelo e Silva pôs este dístico de Fischer à entrada do seu novo livro: «É verdade que a função essencial da arte para os que estão destinados a transformar o mundo não é a de fazer mágica e sim a de esclarecer e incitar à acção; mas é igualmente verdade que um resíduo mágico na arte não pode ser inteiramente eliminado, uma vez que sem este resíduo provindo da sua natureza original, a arte deixa de ser arte». — Ou de ser um enigma-respondendo-ao-Enigma, para repetir uma vez mais o que disse. E não por acaso o repito: as duas narrativas de Marmelo e Silva embaraçam-me na medida em que explicitam, com uma crueza excessiva, o que ele nos habituara a deixar suspenso como símbolo. Após o longo silêncio a que se remetera, mais parece vir explicar-se do que dar-se.

O Ser e o Ter *é quase uma alegoria, uma parábola. Mas uma alegoria, uma parábola* já *interpretada,* já *explicada pelo professor ao aluno. Ou a que falta o* laissez-moi y mêler un peu d'obscurité *que o conceptual exige para passar a estético.* Anquilose, *com sortilégios de escrita como: «Foi num quarto de hotel, na Foz, aliás, ordinário, furado de gargalhadas da cozinha», tem outra força de sugestão, ora contida ora desbragada, a despeito de um certo tom cínico que a anedota de caserna (recolhida) sublinha num registo que é mais de colagem do que de integração, e de impropriedades como a das rãs na ria de Aveiro ou de facilidades convencionais como a do anúncio. A alteridade entre o eu que descreve e o eu que é descrito — «sou eu, era eu, fui eu, e agora é* ele *exclusivamente» — atinge amiúde a craveira a que nos habituáramos em Marmelo e Silva.*

Fiel à admiração e à amizade que me ligam ao autor e atento às responsabilidade que cumprem ao crítico face a um livro que fecha um longo parêntesis entre dois ciclos de criação, direi que a imaginação abstracta preponderа sobre a concreta e o dialéctico sobre o estético. O que confirma não ter sido arbitrário o silêncio a que Marmelo e Silva se remetera. Mas pouco importa isso. A verdadeira questão é esta: extinguiu-se, acaso, o poeta (no mais amplo sentido da palavra), por ter exorbitado do seu meio natural? As duas fontes do grande novelista que é Marmelo e Silva foram estas, na sua primeira fase: as relações familiares (com terminologia edipiana ou sem ela) e as relações femininas. Ambas repercutem aqui, mas como algo que já não é fantasma de cabeceira, por se ter volvido em conceito, em anquilose. Na primeira narrativa, sobretudo, — onde o ferreiro chega a dizer: «Eu fiz o trabalho (ferramenta e tudo!) e o trabalho fez-me a mim»; e um dos filhos: «Quero apenas ser, *mais nada». E, todavia, cenas como a que reconduzem o filho, através da alienação, ao curral que agasalha a velhice da mãe («Ah, ah, ah! O teu berço, um covil! tomaras tu um cabinho igual no céu!») e charneiras como: «Os filhos, que ilusão a nossa!, criamo-los, não são para nós» — nessa mesma narrativa; ou, na segunda, a vidraça espessa e álgida que separa o protagonista das mulheres que teve e faz destas meros manequis dum desejo: confirmam que Marmelo e Silva distanciou essas obcessões, mas continua preso a elas. Em sentido estético, é isso que distingue, quanto a mim, a alienação negativa da alienação positiva. Pelo que talvez baste dar um bom pontapé no que levou o dia-a-dia a preterir esta por aquela, para se nos mostrar, uma vez mais, que o destino dum escritor é ser ele próprio.*

Posto isto, noto que não toquei no contraponto irónico que, aqui e ali, assume os contornos de uma presença oculta, ao buraco da fechadura. Desde sempre a houve em Marmelo e Silvo: é uma impressão digital na outra face da porta. Mas pergunto-me: irá o poeta vencê-la, ou sofrer-lhe o blow up?

8-a. É irrecusável que a recensão nem é sucinta (para o espaço habitual dum jornal diário, ou, mesmo, de qualquer das poucas revistas literárias que temos) nem é facciosa ou cortante nos seus juízos. E muito menos se limita a tratar de rãs...

8-b. Mas admitamos que sim. Se a crítica lhe pareceu insuficiente, porque não levantou a grimpa no *Diário de Lisboa* e ficou três meses a incubar o ovo que veio depor aqui? Teria mais público, pelo menos.

8-c. Não retiro (agora ou nunca) o que disse em louvor de Marmelo e Silva, quer nessa recensão quer em escritos anteriores. A deontologia dum crítico está acima das verrinas dos criticados. Se Marmelo e Silva tem notícia de «crítica» que eu algum dia fizesse de alma suja, é favor declará-lo.

9. *Os demais críticos...*

Os demais críticos são poucos, infelizmente. O género é pouco apreciado e, sobretudo, tolerado num meio onde basta vir-se ao mundo e ser bem comportadinho para se ter direito a homenagens em chorrilho. Poupar-se-ia muito esforço se as promovêssemos por ordem alfabética e colectivamente: hoje aos Joões, amanhã aos Josés, depois de amanhã aos Juvêncios... (Abro uma única excepção para os Juvenais: a esses, nunca!) Acontece ainda que alguns supostos «críticos» — os mais «compreensivos», justamente... — são funcionários, por vezes, das casas que editam os autores ou vivem na dependência económica delas (como tradutores, por exemplo), quando não das directivas que lhes impõem os jornais e outros compadrios. Marmelo e Silva é livre de preferir os «juízos» desses.

10. *Uma responsabilidade frontal...*

É boa! Mas então que fiz eu? Não lhas disse, sem esquivas? E não foi por isso que se meteu comigo?

11. *Acaso lhe pedi eu...*

Não senhor, não pediu. Nem eu lho consentia. Pergunte aos que têm pedido.

12. *De orgulho... diga com franqueza!...*

Não me repugna nada! Tenho muito orgulho, sim, mas da minha independência apenas. Pago por ela um pesado tributo e mais pagaria se não fora «para tão longo amor tão curta a vida». Mas só da independência: não dos coaxos ou dos ronrons que dê.

13. *O ensejo de confessar...*

Chamei-lhe não sei quantas vezes poeta, na recensão que leram. E reconheci-lhe «sortilégios de escrita». Que terei eu a confessar, então? E que raio terá isso a ver com as ràzinhas na ria? Se não houvesse metáforas impróprias ou infelizes, não haveria quebrantos estilísticos. Poderia dizer-se, por exemplo, com inexcedível bom gosto: os «críticos» cem por cento laudatícios são do suco da barbatana.

14. *Que não entende?...*

Infelizmente até entendo de mais. Não precisei das lições *pro domo sua* de Marmelo e Silva para escrever a seu respeito, em 1959 (*Ensaios de Domingo*, pág. 241), que tem um estilo «poderoso e simples, harmonioso e fundo». Mas (com belas assonâncias ou não), também Homero dormitava por vezes. Apegado a um sono de vinte anos, Marmelo e Silva acordou estremunhado com o que de boa fé lhe disse. Não me arrependo: não quero que durma! E não há arrufos que toldem a amizade e a admiração que tenho por ele, seja qual for a atitude que entenda tomar. O meu orgulho é assim: não está ao serviço de mim mesmo, mas ao do do que entendo ser o bem comum.

15. *«Moliceiros no Vouga»* (do último n.º de *Litoral*)...

Nunca escrevi «moliceiros *no* Vouga», mas sim «moliceiros *do* Vouga». É essa a pequena diferença que cinge o sexo dos anjos. Eles são tão delicados! Srs. tipógrafos: não os maculem...

MARIO SACRAMENTO

P. S. — Já fiz saber, por carta dirigida ao Sr. Tenente Gonçalo Maria Pereira, quanto senti a sua doença e quanto desejo o seu pronto restabelecimento. E faço notar que sempre prestei, em tudo o que escrevi, homenagem ao seu carácter e ao seu bairrismo.

Época de Exames

Continuação da primeira página

reais ou hipotéticas dos professores ou dos programas, que, infelizmente, não estão, em certos sectores, à altura duma era atómica, infelizmente toda mecanicista e muito pouco humanista, como seria para desejar; sem querermos ferir seja quem for, nem abordar estes problemas com grande profundidade, por não termos, nestes assuntos, a competência dum Mário de Vasconcelos e Sá ou de outros; sem querermos nada disto, falemos, sòmente com fins construtivos, dum livro escrito por Mário Gonçalves Viana, «A Arte de Estudar», livro que devia ser lido pelos jovens, pois está escrito em linguagem extraordinàriamente acessível a todos os cérebros, qualquer que seja o seu grau de cultura ou de educação. «A Arte de Estudar» encanta e convence pelas verdades que encerra, pelas ideias que infiltra e pelos pensamentos que exterioriza, alguns dos quais sairam da pena dum Carrel, dum Emile Planchard, dum Stefan Zweig, dum Rousseau e de tantos outros a quem a pedagogia deve, sem dúvida, directa ou indirectamente, inalienáveis fortunas.

«A Arte de Estudar» é um guia para jovens, mas principalmente para aqueles que, querendo triunfar nos seus trabalhos escolares, nem sempre o conseguem por falta de orientação própria. Mas não deixa de ser também um proveitoso guia para os pais, que nem sempre, movidos por uma vaidade incontida ou uma incompetência educacional, são os melhores conselheiros ou orientadores dos seus filhos. Mesmo para aqueles pais que tiveram a dita de nascer inteligentes. É justo que se lhes lembre «que quem nasce inteligente, nasce ignorante», e que a ignorância não desaparece se não se estuda.

Está «A Arte de Estudar» dividida em vários capítulos. Um fala do valor do estudo e da sua formação social, os outros do adestramento da atenção, da memória, da vontade, do poder de observação, da maneira de vencer a timidez e a preguiça mental, da maneira como se deve ler, aproveitar o tempo, angariar boas companhias e amigos, tirar proveito do tempo, do sono, e do repouso que, quando mal utilizados, ajudam ao aparecimento do «sobernal», para finalmente se debruçar sobre a higiene do estudo, das diversas distracções, das férias, da ordem e da disciplina no trabalho, no método ao serviço do estudo, dos apontamentos e da sua sistematização, da preparação para os exames e concursos e do estudo para a vida que nos obrigará a aprender até morrer.

Comentar ou resumir todos estes capítulos seria impossível, e até fastidioso num artigo desta natureza. Por isso, limito-me sòmente, para que os jovens meditem sobre o que vão ler, a reproduzir, na íntegra, o que está escrito por Mário Gonçalves Viana, no início do seu precioso livro.

...«O facto de se não estudar, durante o período de frequência das aulas, é absolutamente lastimoso e acarreta graves consequências como Júlio Dantas salienta». São as primeiras capitalizações que decidem da futura riqueza do espírito; quem em moço não perseverou no trabalho, nunca mais saberá trabalhar. Além disso, o estudante que abandona os seus deveres, fá-lo, de ordinário, em prejuízo de alguém ou de alguma coisa. Não digo da Ciência que tem muito quem a cultive. O capacete de ouro de Minerva resplandece, com o mesmo brilho, ainda quando os universitários adormecem. Mas, prejuízo da família, que se sacrifica para educar os filhos; prejuízo próprio; e, mais tarde, prejuízo também daqueles que entregam os negócios ou a vida nas mãos dum industrial ou de um advogado inculto ou de um médico cuja preparação técnica é insuficiente».

«Há muita gente que estuda; mas pouquíssimos são aqueles que sabem estudar. E, mais adiante, comenta: «Há certas pessoas que pretendem atingir na vida pontos culminantes, mas sem esforço. Semelhante pretensão é absolutamente impossível. A riqueza pode conseguir-se com rapidez vertiginosa, mediante uma especulação feliz, mediante a sorte grande, ou até — para vergonha do ser humano — mercê de actos desonestos. Porém já outro tanto não acontece com o saber. Este só à custa do estudo consciencioso, persistente e metódico, é que se pode alcançar. Proceder de outra maneira, seria tentar o impossível. A superioridade, proclamou *sir* Reynolds, nunca é concedida senão com a recompensa do trabalho. O estudo aguça a inteligência, activa o raciocínio, rejuvenesce o homem.

Aquele que não estuda e não pensa, é um capital que não rende e que se consome a si próprio.» /.../

Ao trasncrever estes conceitos, poderia eu dar a entender que a maior parte dos nossos jovens não estudam. Eu sei que estudam — muito. Mas há que os amparar, há que os proteger das deficiências próprias das suas idades e dos ambientes nem sempre salutares onde são criados, há, numa palavra, que infiltrar-lhes acima de tudo, para que possam ter êxito na vida, a inegualável fortuna da «Arte de Estudar».

Porto, 7 de Junho de 1968

Augusto José Sobrinho Barata da Rocha

«O DIÁRIO DE ANNE FRANK»

Continuação da primeira página

Mas para que irá ele gritar para uma plateia de 50 pessoas? «Sem público não há Teatro», frisou muito bem Lagos. Portanto, parece haver duas saídas à escolha: a) faz-se teatro de vanguarda para 50 pessoas (onde e como?); b) faz-se teatro que embora sem ser de frente traz alguma coisa, para uma casa mais ou menos cheia. Parece que a hipótese não é lá muito agradável, já que em Aveiro (estamos em Aveiro falemos de Aveiro) não se consegue um barracão para um teatro-de bolso (segundo parece). Depois, o não-profissionalismo também tem despesas — e não são poucas. Assim, embora sabendo-se de antemão que se caminha a passo de boi, a solução mais viável para uma tentativa de aproximação teatro-público é fazer um teatro de acessibilidade concreta. É preciso, primeiro, que o público vá ao teatro da mesma maneira porque vai ao cinema, por exemplo (ir na questão de hábito). E parece-me, entre parêntesis, que a questão de preços não é de pôr totalmente (dizer: não vou ao teatro porque é caro). É apenas uma desculpa. Os preços de revista chegam a ser escandalosos (tal como a revista em si), e no entanto as casas chegam a abarrotar. Com os preços dos futebóis é a mesma coisa. O pobre do teatro é que paga as favas: «é muito caro, não vou». Uma coisa há a notar: o público de teatro é um público culto (duma maneira ou doutra). E a presença nele dos jovens é já um grande triunfo.

3.º — O Ceta tem já experiência do que é fazer opção pelo teatro de vanguarda (chamemos-lhe assim à falta de melhor). «Ã espera de Godot» foi um fracasso de bilheteira. E foi dos melhores espectáculos que montou, senão o melhor. Parece incrível que «uma cidade de tradições teatrais» tenha repelido de tal forma um espectáculo daquele nível. Na segunda sessão em Aveiro (depois do Concurso de Arte Dramática de Lisboa, onde conseguiu quatro primeiros prémios), «Ã espera de Godot» foi ainda fracasso: os actores a representarem para uma plateia de sopeiras e magalas de risos alarves (as portas tinham sido abertas por não haver público), os actores a perguntarem-se: para quê? sem terem uma resposta. Talvez ainda tenham tido sorte não terem sido corridos à batatada. E não venham para cá dizer que a peça é metafísica (só) que é difícil e etc. Há cerca de dois anos no teatro da Penitenciária de San Quentin (Califórnia) chegou-se à conclusão de que «Awaiting for Godot» foi compreendida *e admirada pelos presidiários, depois das plateias sofisticadas das capitais europeias terem ficado escandalizadas com a obra.*

4.º — Porque é que o Teatro Experimental do Porto e o de Cascais deixaram de vir a Aveiro? Porque não têm público. Só por isto: porque não têm público. Custa um bocado estar-se com uma realidade destas. O teatro que queríamos fazer seria outro. Mas é utópico teimarmos pensar assim. No Teatro-de-Hoje o público deixou até já de ser um mero espectador, para se tornar um participante *— e directo, a agir como o actor, em comunhão total. O happening é um exemplo. Um exemplo que gostaríamos de viver. Mas é impossível.*

5.º — Por fim: cumprimento entusiàsticamente Jorge Lagos pela crítica honesta e construtiva que fez ao espectáculo do CETA, sem contemplações nem palmadinhas nas costas. (Confesso ainda que desde há anos que nos vejo a dizer: é preciso começar pela base — quando talvez nos esqueçamos que a base é muito relativa, pois interessa saber já quando se poderá ir para a frente).

JÚLIO HENRIQUES

Salão Aveiro IV

Continuação da primeira página

tórico puro (ainda que dito abstracto) não é mais que pintura. Para mim (a minha pintura) não é abstracta. É pintura. Concretíssima.

3. Qual é o papel que julga ter a pintura numa estrutura social global?

JB — A pintura e a sociedade estão interligadas. É o reflexo de muitos factores, entre eles o ambiente em que se vive. É preciso não esquecer que a pintura dita abstracta apareceu numa época de conflitos mundiais, e até certo ponto a pintura abstracta representa um período de transição para uma nova etapa que a humanidade desconhece. Històricamente, só daqui a muitos anos é que se poderá compreender perfeitamente a razão da sua existência. Lembre-se que o estalo começou pelas mãos do russo Kandinsky, cerca de 1910. E passaram 58 anos. Não acha que ela poderá ter uma valor profético, na medida em que nos faz antever a aproximação duma nova era?

AF — Creio que fundamentalmente a pintura deve meter-se na estrutura social como um meio de comunicação. De educação. De compreensão. Para destruir rituais cuja convenção seniliza. Para uma abertura que nos encaminhe para uma harmonia ideal.

4. Acredita na saciabilidade da arte (neste caso a pintura), como meio de aproximação entre os indivíduos duma comunidade?

JB — Como todas as artes, a pintura tende a aproximar os povos. É inegável, pelo menos no vértice. Depois, quanto maior for o interesse dum Povo pela arte, maior será o estímulo para o artista. Essa cooperação entre os indivíduos só será concreta, no entanto, quando os governos se interessarem profundamente pela sua divulgação, através de concursos, festivais, colóquios, bolsas, e principalmente, pela sua fomentação nos estabelecimentos de ensino, insuflando um interesse real na juventude.

AF — Em ideologia, conforme o exposto atrás.

5. Opta na «arte pela arte» ou pretende defender alguma questão social directa? Porquê?

JB — A arte pela arte nunca pode existir, porquanto o artístico está indissolùvelmente ligado ao social. O indivíduo, pintando, reflecte uma cultura transmitida pela sociedade a que pertence e de que não pode desligar-se. O artista que julgue optar na arte pela arte está a auto-iludir-se, já que nunca se pode descarnar da súmula de conhecimentos que lhe foi dada pelo mundo exterior. À medida que as sociedades se vão transformando, também o artista se transforma e o resultado duma é reflexo noutro.

AF — Sem subterfúgios, declaro-me na «arte pela arte». Não pretendo defender qualquer questão social especial. Apenas me apaixona a parte humana. Ideològicamente implícito na resposta à alínea 3.

6. Acha que a pintura dita abstracta pode ser (ou é) um protesto ou uma defesa ideológica social?

JB — A pintura abstracta em relação ao seu processo histórico é sem dúvida pintura de protesto (contra o chamado figurativismo). Veja-se *a forma* de algum teatro de vanguarda (de Ionesco, por exemplo). Presentemente, o rotulado pintor abstracto é um indivíduo que trabalha, no essencial, o seu mundo interior, cuja linguagem são as cores e as formas. É com estes elementos que ele joga e se define. Cito-lhe, para o efeito, Kandinsky: «Assim como se combinam os sons e os ritmos musicais, as formas e as cores também se combinam num jogo de múltiplas transformações». Como a pintura está directamente relacionada com o mundo social, é impossível alienar uma coisa da outra.

AF — Para muitos pode ser ambas as coisas. Para mim a pintura a que teimam chamar abstracta constitui um produto da época. Porque «não se faz a pintura que se quer». Faz-se a pintura que a evolução histórica implica. E se o abstracto (?) é um acto reflexivo, estamos indubitàvelmente a atravessar uma época pensante. De consciencialização. Uma necessidade que estruturalmente vai dando os seus frutos. O chamado abstracto em pintura é também uma necessidade. Impõe-se como virtual arejamento. É uma força (transitória) que nos levará a outros «mundos artísticos». E (até) ideológicos. No fundo o que importa é a consciencialização humana do humano. O despertar para a beleza-compreensão numa comunhão fraterna. Isenta de egoísmo. O percorrer duma curva sempre ascendente de bondade. Até que se atinja o grande sol-do-amor.

JÚLIO HENRIQUES

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado	ALA
Domingo	M. CALADO
2.ª feira	AVENIDA
3.ª feira	SAÚDE
4.ª feira	OUDINOT
5.ª feira	NETO
6.ª feira	MOURA

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

5.º Encontro da «CRIANÇA DO DISTRITO ESCOLAR DE AVEIRO»

Com data de 12 do corrente, recebemos, do Governo Civil, a seguinte nota:

Promovido pelo Chefe do Distrito, Sr. Dr. Manuel Ferreira Santos Louzada, realiza-se, no próximo dia 16 do corrente mês de Junho, domingo, pelas 15 horas, na Avenida das Tílias do Parque Infante D. Pedro, desta cidade, com a honrosa presença do Ex.mo Director-Geral do Ensino Primário, o 5.º encontro da «Criança do Distrito Escolar de Aveiro», que, como habitualmente, constitui um animado festival, com exibição de atraentes números de ginástica, folclore, dança rítmica e pequenas peças de teatro.

Antes do início do espectáculo, as crianças, em número que se aproxima de um milhar, com os seus vistosos trajos regionais e acompanhadas de fanfarra, desfilarão perante as autoridades locais, defronte do edifício do Governo Civil.

No final do festival, com a colaboração de diversas empresas comerciais e industriais, é servida a todos os participantes uma merenda que proporcionará às crianças momentos de alegre convívio.

HOMENAGEM AOS PROFESSORES PRIMÁRIOS

Na segunda-feira, em Lisboa, dentro do programa das celebrações do «Dia de Portugal», o sr. Presidente da República presidiu à tradicional cerimónia de consagração do professorado primário, durante uma sessão solene efectuada no ginásio do Liceu Camões.

Entre os galardoados este ano, contam-se dois professores do Distrito de Aveiro — D. Sofia Bismarck Bento Soares, Directora da Escola Feminina n.º 2 de Espinho, desde 1947, que exerce o magistério há 42 anos; e Prof. José Martins Pires, Delegado Escolar em Anadia, desde 1961, e professor da Escola Masculina daquela vila desde 1952, que exerce o magistério há 43 anos.

A CIDADE

INSPECÇÕES MILITARES

Desde hoje, 15 de Junho, até 20 do próximo mês de Julho, realizam-se as inspecções dos mancebos recrutados pelo concelho de Aveiro, nas seguintes datas:

15 de Junho — Aradas e parte de Cacia. *27 de Junho* — Restantes de Cacia, Eirol e parte de Esgueira. *29 de Junho* — Restantes de Esgueira e parte da Glória. *9 de Julho* — Restantes da Glória e parte de Nariz. *13 de Julho* — Restantes de Nariz, Oliveirinha e Requeixo. *20 de Julho* — Vera-Cruz e S. Jacinto.

RELATÓRIO DA JUNTA AUTÓNOMA DO PORTO

Subscritos pelos srs. Eng.º Carlos Gomes Teixeira e Eng.º João de Oliveira Barrosa, respectivamente Presidente da Junta Autónoma do Porto de Aveiro e Engenheiro-Director do Porto e Administrador-Delegado da Junta, foram publicados os relatórios respeitantes à actividade daquele organismo no ano económico de 1967.

Oportunamente, faremos referência, nestas colunas, a algumas das principais passagens daqueles documentos.

REVISTA DE CADERNETA

Por determinação do Ministério do Exército, continua suspenso o serviço de revista de caderneta, pelo que, este ano, estão dispensados dessa formalidade todos os militares.

NOTICIÁRIO RELIGIOSO

— FESTA DO CORPO DE DEUS

Anteontem, quinta-feira, dia de feriado nacional, celebrou-se nesta cidade a Festa do Corpo de Deus.

Pelas 11 horas, na Sé Catedral, o venerando Bispo de Aveiro, D. Manuel de Almeida Trindade, presidiu a um solene Pontifical.

De tarde, pelas 18 horas, saiu daquele templo, percorrendo as principais artérias do centro da cidade, a imponente procissão do *Corpus Christi* — em que se incorporaram representações de todas as irmandades do concelho, além das autoridades civis e militares. Presidiu o sr. D. Manuel de Almeida Trindade.

— DIA DIOCESANO DA ACÇÃO CATÓLICA

Amanhã, vai celebrar-se o «Dia Diocesano da Acção Católica», com diversas solenidades marcadas para Albergaria-a-Velha, sob presidência do sr. D. Manuel de Almeida Trindade.

Após a concentração, pelas 9 horas, junto do Colégio daquela vila, haverá um cortejo de oração e penitência, para o Santuário de Nossa Senhora do Socorro. Às 11 horas, o sr. Bispo de Aveiro celebra missa, com ofertório solene.

Às 12.30 horas, ao ar livre, haverá um almoço de confraternização, a que se seguirão, a partir das 15.30 horas, uma parte recreativa, saudação e coro falado.

O encerramento desta jornada está marcado para as 17 horas, com palavras do Prelado da Diocese, recitação do Credo e Hino da Acção Católica.

CURSO DE EXTENSÃO AGRÍCOLA FAMILIAR

Com a presença do Presidente do Município e outras entidades, encerrou-se há dias, na freguesia de S. Bernardo, o 2.º Curso Ambulante de Extensão Agrícola Familiar, que foi frequentado por algumas dezenas de raparigas.

Foram ministradas noções de agricultura, puericultura, costura, bordados, adorno do lar e culinária. O curso principiara em 27 de Novembro do ano passado.

MOVIMENTO DO PORTO

No decurso do mês de Maio, movimentaram-se, no Porto de Aveiro, 10 502 toneladas de mercadorias, das quais 4 073 carregadas e 6 429 descarregadas. O movimento geral no ano corrente cifra-se em 50 350 toneladas, pelo que verifica um aumento de 6 630, em relação a igual período de 1967.

Quanto a navios, no mês passado entraram 15 unidades, com a tonelagem de arqueação de 13 317. Um pormenor: de 26 de Maio até 5 do corrente, os três barcos entrados descarregaram, entre outra carga, gado e lacticínios, provenientes dos Açores, bananas da Madeira e combustíveis líquidos; por sua vez, os cinco navios que sairam de Aveiro, no mesmo período, embarcaram pasta de papel e carga geral.

MOVIMENTO DA LOTA

No mês de Maio findo, a Lota de Aveiro registou o seguinte movimento de vendas de pescado: 646 112 quilos, num total de 1 922 592$00.

Na pesca de arrasto, apuraram-se 713 990$00; as traineiras conseguiram 1 030 764$00; e, na pesca artesanal da Ria, o apuro foi de 177 838$00.

Salientaram-se nas pescas os arrastões «Beira Ria» e «Atrevido», respectivamente com 226 895$00 e 224 733$00; e as traineiras «Novo São Januário» e «Divor», com 152 858$00 e 131 302$00, respectivamente.

Cartões de Visita

FAZEM ANOS:

Hoje, 15 — *As sr.as D. Dulce de Pinho Freitas, D. Regina da Conceição Pimenta e Silva, esposa do sr. Mário de Melo e Silva, D. Maria Celeste de Morais, esposa do sr. Armindo Ferreira, e D. Julieta de Almeida Sobreiro, o sr. José António de Almeida Sobreiro e o menino Antimo Martins Marinheiro, filho do sr. Eng.º Antimo Rodrigues Marinheiro.*

Amanhã, 16 — *As sr.as D. Margarida Lopes Ferreira e D. Maria de Lourdes Amorim dos Reis Loureiro, os srs. António Fonseca e Fernando de Sousa Brandão, e a menina Anabela da Maia Valente, filha do sr. António Aníbal Valente.*

Em 17 — *A sr.ª D. Adelaide Duarte Silva Gaspar, esposa do sr. Major João José Figueiredo Gaspar, os srs. Eng.º Mário dos Reis Antunes Vaz, Coronel-aviador António Dias Leite e Manuel dos Santos Martinho, e a menina Maria Helena Ferreira de Carvalho, filha do 1.º Sargento sr. Manuel de Carvalho.*

Em 18 — *A sr.ª prof.ª D. Cremilde Pereira Vaz Pinto, o sr. João Rodrigues Ventura da Paula, a menina Zulmira da Conceição Ferreira, filha do sr. Albano Ferreira, e os meninos José Artur, filho do sr. Artur Pereira Kress de Carvalho, e Ricardo Jorge, filho do sr. António Bernardino Tores Figueiredo.*

Em 19 — *A sr.ª D. Elisete Ferreira Martins, esposa do sr. Manuel Nunes Pinhão, os srs. Dr. António Alberto da Maia Ferreira e Júlio Rafeiro da Costa, e as meninas Maria Isabel, filha do sr. Artur Cunha, e Ana Maria, filha do sr. Dr. António Manuel Gonçalves.*

Em 20 — *A sr.ª D. Maria José Azevedo Alves Novo, os srs. Dr. José Arnaldo de Quina Ferreira, Eng.º Armando António Pereira da Cunha e Delmiro Henriques de Almeida, e o menino António José, filho do sr. Eng.º António Malheiro Sarmento.*

Em 21 — *A sr.ª D. Graciete Almeida Freitas, esposa do sr. João Máximo Freitas, o sr. José Laranjeira Marques, e as meninas Maria da Conceição, filha do saudoso António Mendes de Andrade Piçarra.*

CASAMENTO

No passado dia 26 de Maio, na igreja da Rainha Santa, em Coimbra, realizou-se o casamento da sr.ª D. Aldina Rosário Rebelo e Silva Ladeira, filha da sr.ª D. Isilda da Costa Rebelo Ladeira e do sr. Dário da Silva Ladeira, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal de Aveiro, com o sr. Luís Manuel Sampaio Saraiva de Miranda, filho da sr.ª D. Maria Adelaide Sá Couto Sampaio Maia de Castro Saraiva de Miranda e do sr. Dr. Alberto de Miranda, médico no Porto.

Presidiu à cerimónia o Rev.º Padre Benedito D. Gonçalo Guedes, tendo servido de padrinhos: pela noiva, a sr.ª D. Laura Fernandes Teixeira Simões e seu marido, sr. Dr. Armando Rodrigues Simões, médico em Aveiro; e, pelo noivo, seus pais.

Ao novo lar, desejamos as melhores felicidades

NASCIMENTO

No passado dia 12 de Maio, nasceu, nesta cidade, a primeira filhinha ao casal da sr.ª D. Isménia Aurora Vieira Franco e do sr. Florival Francisco Franco.

A menina vai ser dado o nome de Maria do Egito.

Época de Exames

Continuação da primeira página

reais ou hipotéticas dos professores ou dos programas, que, infelizmente, não estão, em certos sectores, à altura duma era atómica, infelizmente toda mecanicista e muito pouco humanista, como seria para desejar; sem querermos ferir seja quem for, nem abordar estes problemas com grande profundidade, por não termos, nestes assuntos, a competência dum Mário de Vasconcelos e Sá ou de outros; sem querermos nada disto, falemos, sòmente com fins construtivos, dum livro escrito por Mário Gonçalves Viana, «A Arte de Estudar», livro que devia ser lido pelos jovens, pois está escrito em linguagem extraordinàriamente acessível a todos os cérebros, qualquer que seja o seu grau de cultura ou de educação. «A Arte de Estudar» encanta e convence pelas verdades que encerra, pelas ideias que infiltra e pelos pensamentos que exterioriza, alguns dos quais sairam da pena dum Carrel, dum Emile Planchard, dum Stefan Zweig, dum Rousseau e de tantos outros a quem a pedagogia deve, sem dúvida, directa ou indirectamente, inalienáveis fortunas.

«A Arte de Estudar» é um guia para jovens, mas principalmente para aqueles que, querendo triunfar nos seus trabalhos escolares, nem sempre o conseguem por falta de orientação própria. Mas não deixa de ser também um proveitoso guia para os pais, que nem sempre, movidos por uma vaidade incontida ou uma incompetência educacional, são os melhores conselheiros ou orientadores dos seus filhos. Mesmo para aqueles pais que tiveram a dita de nascer inteligentes. É justo que se lhes lembre «que quem nasce inteligente, nasce ignorante», e que a ignorância não desaparece se não se estuda.

Está «A Arte de Estudar» dividida em vários capítulos. Um fala do valor do estudo e da sua formação social, os outros do adestramento da atenção, da memória, da vontade, do poder de observação, da maneira de vencer a timidez e a preguiça mental, da maneira como se deve ler, aproveitar o tempo, angariar boas companhias e amigos, tirar proveito do tempo, do sono, e do repouso que, quando mal utilizados, ajudam ao aparecimento do «sobernal», para finalmente se debruçar sobre a higiene do estudo, das diversas distracções, das férias, da ordem e da disciplina no trabalho, no método ao serviço do estudo, dos apontamentos e da sua sistematização, da preparação para os exames e concursos e do estudo para a vida que nos obrigará a aprender até morrer.

Comentar ou resumir todos estes capítulos seria impossível, e até fastidioso num artigo desta natureza. Por isso, limito-me sòmente, para que os jovens meditem sobre o que vão ler, a reproduzir, na íntegra, o que está escrito por Mário Gonçalves Viana, no início do seu precioso livro.

...«O facto de se não estudar, durante o período de frequência das aulas, é absolutamente lastimoso e acarreta graves consequências como Júlio Dantas salienta». São as primeiras capitalizações que decidem da futura riqueza do espírito; quem em moço não perseverou no trabalho, nunca mais saberá trabalhar. Além disso, o estudante que abandona os seus deveres, fá-lo, de ordinário, em prejuízo de alguém ou de alguma coisa. Não digo da Ciência que tem muito quem a cultive. O capacete de ouro de Minerva resplandece, com o mesmo brilho, ainda quando os universitários adormecem. Mas, prejuízo da família, que se sacrifica para educar os filhos; prejuízo próprio; e, mais tarde, prejuízo também daqueles que entregam os negócios ou a vida nas mãos dum industrial ou de um advogado inculto ou de um médico cuja preparação técnica é insuficiente».

«Há muita gente que estuda; mas pouquíssimos são aqueles que sabem estudar. E, mais adiante, comenta: «Há certas pessoas que pretendem atingir na vida pontos culminantes, mas sem esforço. Semelhante pretensão é absolutamente impossível. A riqueza pode conseguir-se com rapidez vertiginosa, mediante uma especulação feliz, mediante a sorte grande, ou até — para vergonha do ser humano — mercê de actos desonestos. Porém já outro tanto não acontece com o saber. Este só à custa do estudo consciencioso, persistente e metódico, é que se pode alcançar. Proceder de outra maneira, seria tentar o impossível. A superioridade, proclamou *sir* Reynolds, nunca é concedida senão com a recompensa do trabalho. O estudo aguça a inteligência, activa o raciocínio, rejuvenesce o homem.

Aquele que não estuda e não pensa, é um capital que não rende e que se consome a si próprio.» /.../

Ao trasncrever estes conceitos, poderia eu dar a entender que a maior parte dos nossos jovens não estudam. Eu sei que estudam — muito. Mas há que os amparar, há que os proteger das deficiências próprias das suas idades e dos ambientes nem sempre salutares onde são criados, há, numa palavra, que infiltrar-lhes acima de tudo, para que possam ter êxito na vida, a inegualável fortuna da «Arte de Estudar».

Porto, 7 de Junho de 1968

Augusto José Sobrinho Barata da Rocha

«O DIÁRIO DE ANNE FRANK»

Continuação da primeira página

Mas para que irá ele gritar para uma plateia de 50 pessoas? «Sem público não há Teatro», frisou muito bem Lagos. Portanto, parece haver duas saídas à escolha: a) faz-se teatro de vanguarda para 50 pessoas (onde e como?); b) faz-se teatro que embora sem ser de frente traz alguma coisa, para uma casa mais ou menos cheia. Parece que a hipótese não é lá muito agradável, já que em Aveiro (estamos em Aveiro falemos de Aveiro) não se consegue um barracão para um teatro-de bolso (segundo parece). Depois, o não-profissionalismo também tem despesas — e não são poucas. Assim, embora sabendo-se de antemão que se caminha a passo de boi, a solução mais viável para uma tentativa de aproximação teatro-público é fazer um teatro de acessibilidade concreta. É preciso, primeiro, que o público vá ao teatro da mesma maneira porque vai ao cinema, por exemplo (ir na questão de hábito). E parece-me, entre parêntesis, que a questão de preços não é de pôr totalmente (dizer: não vou ao teatro porque é caro). É apenas uma desculpa. Os preços de revista chegam a ser escandalosos (tal como a revista em si), e no entanto as casas chegam a abarrotar. Com os preços dos futebóis é a mesma coisa. O pobre do teatro é que paga as favas: «é muito caro, não vou». Uma coisa há a notar: o público de teatro é um público culto (duma maneira ou doutra). E a presença nele dos jovens é já um grande triunfo.

3.º — O Ceta tem já experiência do que é fazer opção pelo teatro de vanguarda (chamemos-lhe assim à falta de melhor). «À espera de Godot» foi um fracasso de bilheteira. E foi dos melhores espectáculos que montou, senão o melhor. Parece incrível que «uma cidade de tradições teatrais» tenha repelido de tal forma um espectáculo daquele nível. Na segunda sessão em Aveiro (depois do Concurso de Arte Dramática de Lisboa, onde conseguiu quatro primeiros prémios), «À espera de Godot» foi ainda fracasso: os actores a representarem para uma plateia de sopeiras e magalas de risos alarves (as portas tinham sido abertas por não haver público), os actores a perguntarem-se: para quê? sem terem uma resposta. Talvez ainda tenham tido sorte não terem sido corridos à batatada. E não venham para cá dizer que a peça é metafísica (só) que é difícil e etc. Há cerca de dois anos no teatro da Penitenciária de San Quentin (Califórnia) chegou-se à conclusão de que «Awaiting for Godot» foi compreendida e admirada pelos presidiários, depois das plateias sofisticadas das capitais europeias terem ficado escandalizadas com a obra.

4.º — Porque é que o Teatro Experimental do Porto e o de Cascais deixaram de vir a Aveiro? Porque não têm público. Só por isto: porque não têm público. Custa um bocado estar-se com uma realidade destas. O teatro que queríamos fazer seria outro. Mas é utópico teimarmos pensar assim. No Teatro-de-Hoje o público deixou até já de ser um mero espectador, para se tornar um participante — *e directo, a agir como o actor, em comunhão total. O happening é um exemplo. Um exemplo que gostaríamos de viver. Mas é impossível.*

5.º — Por fim: cumprimento entusiàsticamente Jorge Lagos pela crítica honesta e construtiva que fez ao espectáculo do CETA, sem contemplações nem palmadinhas nas costas. (Confesso ainda que desde há anos que nos vejo a dizer: é preciso começar pela base — quando talvez nos esqueçamos que a base é muito relativa, pois interessa saber já quando se poderá ir para a frente).

JÚLIO HENRIQUES

Salão Aveiro IV

Continuação da primeira página

tórico puro (ainda que dito abstracto) não é mais que pintura. Para mim (a minha pintura) não é abstracta. É pintura. Concretíssima.

3. Qual é o papel que julga ter a pintura numa estrutura social global?

JB — A pintura e a sociedade estão interligadas. É o reflexo de muitos factores, entre eles o ambiente em que se vive. É preciso não esquecer que a pintura dita abstracta apareceu numa época de conflitos mundiais, e até certo ponto a pintura abstracta representa um período de transição para uma nova etapa que a humanidade desconhece. Històricamente, só daqui a muitos anos é que se poderá compreender perfeitamente a razão da sua existência. Lembre-se que o estalo começou pelas mãos do russo Kandinsky, cerca de 1910. E passaram 58 anos. Não acha que ela poderá ter uma valor profético, na medida em que nos faz antever a aproximação duma nova era?

AF — Creio que fundamentalmente a pintura deve meter-se na estrutura social como um meio de comunicação. De educação. De compreensão. Para destruir rituais cuja convenção seniliza. Para uma abertura que nos encaminhe para uma harmonia ideal.

4. Acredita na saciabilidade da arte (neste caso a pintura), como meio de aproximação entre os indivíduos duma comunidade?

JB — Como todas as artes, a pintura tende a aproximar os povos. É inegável, pelo menos, no vértice. Depois, quanto maior for o interesse dum Povo pela arte, maior será o estímulo para o artista. Essa cooperação entre os indivíduos só será concreta, no entanto, quando os governos se interessarem profundamente pela sua divulgação, através de concursos, festivais, colóquios, bolsas, e principalmente, pela sua fomentação nos estabelecimentos de ensino, insuflando um interesse real na juventude.

AF — Em ideologia, conforme o exposto atrás.

5. Opta na «arte pela arte» ou pretende defender alguma questão social directa? Porquê?

JB — A arte pela arte nunca pode existir, porquanto o artístico está indissolùvelmente ligado ao social. O indivíduo, pintando, reflecte uma cultura transmitida pela sociedade a que pertence e de que não pode desligar-se. O artista que julgue optar na arte pela arte está a auto-iludir-se, já que nunca se pode descarnar da súmula de conhecimentos que lhe foi dada pelo mundo exterior. À medida que as sociedades se vão transformando, também o artista se transforma e o resultado duma é reflexo noutro.

AF — Sem subterfúgios, declaro-me na «arte pela arte». Não pretendo defender qualquer questão social especial. Apenas me apaixona a parte humana. Ideològicamente implícito na resposta à alínea 3.

6. Acha que a pintura dita abstracta pode ser (ou é) um protesto ou uma defesa ideológica social?

JB — A pintura abstracta em relação ao seu processo histórico é sem dúvida pintura de protesto (contra o chamado figurativismo). Veja-se *a forma* de algum teatro de vanguarda (de Ionesco, por exemplo). Presentemente, o rotulado pintor abstracto é um indivíduo que trabalha, no essencial, o seu mundo interior, cuja linguagem são as cores e as formas. É com estes elementos que ele joga e se define. Cito-lhe, para o efeito, Kandinsky: «Assim como se combinam os sons e os ritmos musicais, as formas e as cores também se combinam num jogo de múltiplas transformações». Como a pintura está directamente relacionada com o mundo social, é impossível alienar uma coisa da outra.

AF — Para muitos pode ser ambas as coisas. Para mim a pintura a que teimam chamar abstracta constitui um produto da época. Porque «não se faz a pintura que se quer». Faz-se a pintura que a evolução histórica implica. E se o abstracto (?) é um acto reflexivo, estamos indubitàvelmente a atravessar uma época pensante. De consciencialização. Uma necessidade que estruturalmente vai dando os seus frutos. O chamado abstracto em pintura é também uma necessidade. Impõe-se como virtual arejamento. É uma força (transitória) que nos levará a outros «mundos artísticos». E (até) ideológicos. No fundo o que importa é a consciencialização humana do humano. O despertar para a beleza-compreensão numa comunhão fraterna. Isenta de egoísmo. O percorrer duma curva sempre ascendente de bondade. Até que se atinja o grande sol-do-amor.

JÚLIO HENRIQUES

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado	ALA
Domingo	M. CALADO
2.ª feira	AVENIDA
3.ª feira	SAÚDE
4.ª feira	OUDINOT
5.ª feira	NETO
6.ª feira	MOURA

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

5.º Encontro da «CRIANÇA DO DISTRITO ESCOLAR DE AVEIRO»

Com data de 12 do corrente, recebemos, do Governo Civil, a seguinte nota:

Promovido pelo Chefe do Distrito, Sr. Dr. Manuel Ferreira Santos Louzada, realiza-se, no próximo dia 16 do corrente mês de Junho, domingo, pelas 15 horas, na Avenida das Tílias do Parque Infante D. Pedro, desta cidade, com a honrosa presença do Ex.mo Director-Geral do Ensino Primário, o 5.º encontro da «Criança do Distrito Escolar de Aveiro», que, como habitualmente, constitui um animado festival, com exibição de atraentes números de ginástica, folclore, dança rítmica e pequenas peças de teatro.

Antes do início do espectáculo, as crianças, em número que se aproxima de um milhar, com os seus vistosos trajos regionais e acompanhadas de fanfarra, desfilarão perante as autoridades locais, defronte do edifício do Governo Civil.

No final do festival, com a colaboração de diversas empresas comerciais e industriais, é servida a todos os participantes uma merenda que proporcionará às crianças momentos de alegre convívio.

HOMENAGEM AOS PROFESSORES PRIMÁRIOS

Na segunda-feira, em Lisboa, dentro do programa das celebrações do «Dia de Portugal», o sr. Presidente da República presidiu à tradicional cerimónia de consagração do professorado primário, durante uma sessão solene efectuada no ginásio do Liceu Camões.

Entre os galardoados este ano, contam-se dois professores do Distrito de Aveiro — D. Sofia Bismarck Bento Soares, Directora da Escola Feminina n.º 2 de Espinho, desde 1947, que exerce o magistério há 42 anos; e Prof. José Martins Pires, Delegado Escolar em Anadia, desde 1961, e professor da Escola Masculina daquela vila desde 1952, que exerce o magistério há 43 anos.

A CIDADE

INSPECÇÕES MILITARES

Desde hoje, 15 de Junho, até 20 do próximo mês de Julho, realizam-se as inspecções dos mancebos recrutados pelo concelho de Aveiro, nas seguintes datas:

15 de Junho — Aradas e parte de Cacia. *27 de Junho* — Restantes de Cacia, Eirol e parte de Esgueira. *29 de Junho* — Restantes de Esgueira e parte da Glória. *9 de Julho* — Restantes da Glória e parte de Nariz. *13 de Julho* — Restantes de Nariz, Oliveirinha e Requeixo. *20 de Julho* — Vera-Cruz e S. Jacinto.

RELATÓRIO DA JUNTA AUTÓNOMA DO PORTO

Subscritos pelos srs. Eng.º Carlos Gomes Teixeira e Eng.º João de Oliveira Barrosa, respectivamente Presidente da Junta Autónoma do Porto de Aveiro e Engenheiro-Director do Porto e Administrador-Delegado da Junta, foram publicados os relatórios respeitantes à actividade daquele organismo no ano económico de 1967.

Oportunamente, faremos referência, nestas colunas, a algumas das principais passagens daqueles documentos.

REVISTA DE CADERNETA

Por determinação do Ministério do Exército, continua suspenso o serviço de revista de caderneta, pelo que, este ano, estão dispensados dessa formalidade todos os militares.

NOTICIÁRIO RELIGIOSO

— FESTA DO CORPO DE DEUS

Anteontem, quinta-feira, dia de feriado nacional, celebrou-se nesta cidade a Festa do Corpo de Deus.

Pelas 11 horas, na Sé Catedral, o venerando Bispo de Aveiro, D. Manuel de Almeida Trindade, presidiu a um solene Pontifical.

De tarde, pelas 18 horas, saiu daquele templo, percorrendo as principais artérias do centro da cidade, a imponente procissão do *Corpus Christi* — em que se incorporaram representações de todas as irmandades do concelho, além das autoridades civis e militares. Presidiu o sr. D. Manuel de Almeida Trindade.

— DIA DIOCESANO DA ACÇÃO CATÓLICA

Amanhã, vai celebrar-se o «Dia Diocesano da Acção Católica», com diversas solenidades marcadas para Albergaria-a-Velha, sob presidência do sr. D. Manuel de Almeida Trindade.

Após a concentração, pelas 9 horas, junto do Colégio daquela vila, haverá um cortejo de oração e penitência, para o Santuário de Nossa Senhora do Socorro. Às 11 horas, o sr. Bispo de Aveiro celebra missa, com ofertório solene.

Às 12.30 horas, ao ar livre, haverá um almoço de confraternização, a que se seguirão, a partir das 15.30 horas, uma parte recreativa, saudação e coro falado.

O encerramento desta jornada está marcado para as 17 horas, com palavras do Prelado da Diocese, recitação do Credo e Hino da Acção Católica.

CURSO DE EXTENSÃO AGRÍCOLA FAMILIAR

Com a presença do Presidente do Município e outras entidades, encerrou-se há dias, na freguesia de S. Bernardo, o 2.º Curso Ambulante de Extensão Agrícola Familiar, que foi frequentado por algumas dezenas de raparigas.

Foram ministradas noções de agricultura, puericultura, costura, bordados, adorno do lar e culinária. O curso principiara em 27 de Novembro do ano passado.

MOVIMENTO DO PORTO

No decurso do mês de Maio, movimentaram-se, no Porto de Aveiro, 10 502 toneladas de mercadorias, das quais 4 073 carregadas e 6 429 descarregadas. O movimento geral no ano corrente cifra-se em 50 350 toneladas, pelo que verifica um aumento de 6 630, em relação a igual período de 1967.

Quanto a navios, no mês passado entraram 15 unidades, com a tonelagem de arqueação de 13 317. Um pormenor: de 26 de Maio até 5 do corrente, os três barcos entrados descarregaram, entre outra carga, gado e lacticínios, provenientes dos Açores, bananas da Madeira e combustíveis líquidos; por sua vez, os cinco navios que sairam de Aveiro, no mesmo período, embarcaram pasta de papel e carga geral.

MOVIMENTO DA LOTA

No mês de Maio findo, a Lota de Aveiro registou o seguinte movimento de vendas de pescado: 646 112 quilos, num total de 1 922 592$00.

Na pesca de arrasto, apuraram-se 713 990$00; as traineiras conseguiram 1 030 764$00; e, na pesca artesanal da Ria, o apuro foi de 177 838$00.

Salientaram-se nas pescas os arrastões «Beira Ria» e «Atrevido», respectivamente com 226 895$00 e 224 733$00; e as traineiras «Novo São Januário» e «Divor», com 152 858$00 e 131 302$00, respectivamente.

Cartões de visita

FAZEM ANOS:

Hoje, 15 — *As sr.as D. Dulce de Pinho Freitas, D. Regina da Conceição Pimenta e Silva, esposa do sr. Mário de Melo e Silva. D. Maria Celeste de Morais, esposa do sr. Armindo Ferreira, e D. Julieta de Almeida Sobreiro, o sr. José António de Almeida Sobreiro e o menino Antimo Martins Marinheiro, filho do sr. Eng.º Antimo Rodrigues Marinheiro.*

Amanhã, 16 — *As sr.as D. Margarida Lopes Ferreira e D. Maria de Lourdes Amorim dos Reis Loureiro, os srs. António Fonseca e Fernando de Sousa Brandão, e a menina Anabela da Maia Valente, filha do sr. António Aníbal Valente.*

Em 17 — *A sr.ª D. Adelaide Duarte Silva Gaspar, esposa do sr. Major João José Figueiredo Gaspar, os srs. Eng.º Mário dos Reis Antunes Vaz, Coronel-aviador António Dias Leite e Manuel dos Santos Martinho, e a menina Maria Helena Ferreira de Carvalho, filha do 1.º Sargento sr. Manuel de Carvalho.*

Em 18 — *A sr.ª prof.ª D. Cremilde Pereira Vaz Pinto, o sr. João Rodrigues Ventura da Paula, a menina Zulmira da Conceição Ferreira, filha do sr. Albano Ferreira, e os meninos José Artur, filho do sr. Artur Pereira Kress de Carvalho, e Ricardo Jorge, filho do sr. António Bernardino Tores Figueiredo.*

Em 19 — *A sr.ª D. Elisete Ferreira Martins, esposa do sr. Manuel Nunes Pinhão, os srs. Dr. António Alberto da Maia Ferreira e Júlio Rafeiro da Costa, e as meninas Maria Isabel, filha do sr. Artur Cunha, e Ana Maria, filha do sr. Dr. António Manuel Gonçalves.*

Em 20 — *A sr.ª D. Maria José Azevedo Alves Novo, os srs. Dr. José Arnaldo de Quina Ferreira, Eng.º Armando António Pereira da Cunha e Delmiro Henriques de Almeida, e o menino António José, filho do sr. Eng.º António Malheiro Sarmento.*

Em 21 — *A sr.ª D. Graciete Almeida Freitas, esposa do sr. João Máximo Freitas, o sr. José Laranjeira Marques, e as meninas Maria da Conceição, filha do saudoso António Mendes de Andrade Piçarra.*

CASAMENTO

No passado dia 26 de Maio, na igreja da Rainha Santa, em Coimbra, realizou-se o casamento da sr.ª D. Aldina Rosário Rebelo e Silva Ladeira, filha da sr.ª D. Isilda da Costa Rebelo Ladeira e do sr. Dário da Silva Ladeira, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal de Aveiro, com o sr. Luís Manuel Sampaio Saraiva de Miranda, filho da sr.ª D. Maria Adelaide Sá Couto Sampaio Maia de Castro Saraiva de Miranda e do sr. Dr. Alberto de Miranda, médico no Porto.

Presidiu à cerimónia o Rev.º Padre Benedito D. Gonçalo Guedes, tendo servido de padrinhos: pela noiva, a sr.ª D. Laura Fernandes Teixeira Simões e seu marido, sr. Dr. Armando Rodrigues Simões, médico em Aveiro; e, pelo noivo, seus pais.

Ao novo lar, desejamos as melhores felicidades

NASCIMENTO

No passado dia 12 de Maio, nasceu, nesta cidade, a primeira filhinha ao casal da sr.ª D. Isménia Aurora Vieira Franco e do sr. Florival Francisco Franco.

À menina vai ser dado o nome de Maria do Egito.

Tribunal Judicial da Comarca de Aveiro

ANÚNCIO

1.ª Publicação

2.ª Secção — 2.º Juízo

(Aviso nos termos da alínea a) do art.º 1 072 do Cód. de Proc. Civil)

Pela 2.ª Secção do 2.º Juízo da comarca de Aveiro, correm seus termos uns autos de ACÇÃO ESPECIAL de Reforma de Títulos, em que é autor o Ex.mo Ajudante do Procurador da República na comarca de Aveiro e réus incertos, e, por este se pede a qualquer pessoa que esteja de posse de SESSENTA E TRÊS acções emitidas pelo Banco Regional de Aveiro, sendo trinta e duas nominativas e trinta e uma ao portador, sem cotação na bolsa e com o valor nominal de cem escudos cada uma, a virem apresentá-las neste Tribunal.

Acções Nominativas

3 312/3 314 — António Maria de Almeida Baltazar (Padre); 3 518 — Manuel Francisco Manata; 3 559/3 560 — Lúcio Ribeiro Rolo; 3 694/ /3 698 — Maria Luísa Ribeiro Durão; 3 713/3 715—Emília Gomes Pereira Vaz; 4 255 — Joaquim Francisco Coelho; 4 279/4 288 — José de Oliveira da Velha Junior; 4 599/4 603 — Augusto Rodrigues de Oliveira; 8 266/ /8 267 — José Pereira Moia.

Acções ao Portador não registadas

3 980/3 982; 4 635/4 644; 5 821/5 830; 6 014; 6 376/ /6 377; 8 238/8 242.

Aveiro, 3 de Junho de 1968

O Escrivão de Direito,

Armando Rodrigues Ferreira

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Orlando João Silva e Melro

Litoral — Ano XIV — 15-6-68 — N.º 710

Continuações da última página

«Taça Ribeiro dos Reis»

Beira-Mar — Espinho

Aos 58 m., num contra-ataque, originado em deslize de Marçal, Teixeira escapou-se para a área. Paulo tentou evitar a progressão, mas o árbitro considerou que o fez em falta, assinalando grande penalidade, que RIBEIRO converteu.

•

Jogando com aplicação e boa conjugação de esforços, fazendo girar a bola ao primeiro toque e evitando retenções escusadas, os beiramarenses efectuaram excelente exibição na primeira parte, que terminaram com números concludentes: 5-0 — embora tivessem desperdiçado ainda alguns bons ensejos para aumentarem a diferença.

Foi notável, de facto, o bom trabalho global do Beira-Mar seguro e sem falhas na defesa, com um meio-campo activo e em bom rendimento, e com um ataque incisivo e concretizador. Notável, também, o desportivismo com que os espinhenses aceitaram a supremacia dos aveirenses e souberam valorizar o jogo, procurando amenizar a contagem, em contra-ataques, que, contudo, não chegaram a causar perigo real.

Na segunda parte, os locais não estiveram tão certos: a preocupação da «goleada» tirou descernimento aos atletas, que, ressentindo-se do andamento vivo do primeiro tempo, encontraram pela frente um antagonista que fez melhor cobertura da sua baliza, aferrolhando-se com a-propósito no reduto defensivo. A troca entre Gomes e Quim deu bons resultados.

O desafio arrastou-se em toada pouco agradável, confusa mesmo em muitos lances. Os beiramarenses — que permutaram também, a dada altura, as posições de Loura e Brandão —, mesmo com menos um elemento (Morais saiu muito antes do termo do jogo, por se ter lesionado num pé), continuaram a ter o comando das operações e construiram melhores ocasiões de golo possível. Mas, apesar disso, o marcador só viria a ser alterado para averbar o ponto de honra dos visitantes, na sequência do castigo máximo a que já aludimos.

Entre os beiramarenses, que valeram, sobretudo, pelo seu labor colectivo, será justo salientar, no entanto, as exibições de Cleo Abdul, Marçal, Loura e Morais. No Sporting de Espinho, salientaram-se Alcobia, Ribeiro e Valdemar, este com um punhado de defesas algo felizes.

Arbitragem criteriosa e certa, em jogo sem problemas. Uma dúvida apenas: ainda na primeira parte, aos 35 m., uma falta sobre Almeida foi castigada com um livre indirecto, dentro da grande área, quando nos pareceu que houve motivo para *penalty*.

Beira-Mar — Marrazes

Diamantino, Ramos, Leal e Zé (Cândido); Martinho e Anacleto; Zé Adelino, Manaça, Rocha e Nini (Solipa).

Enquanto manteve o seu «onze» inicial, o Beira-Mar superiorizou-se e comandou as operações, apesar da réplica animosa dos leirienses. NARTANGA marcou duas vezes antes do intervalo, aos 12 e 17 m., tendo NINI, aos 37 m., na marcação de um livre, apontado o golo dos visitantes.

Na segunda metade, aos 50 m., NARTANGA colocou o Beira-Mar a vencer por 3-1. Depois, o Marrazes passou a tirar partido das várias substituições feitas na turma de Aveiro e actuou com melhor sentido ofensivo, operando sensacional volte-face no marcador: NINI, aos 64 m., ROCHA, aos 65 m., e ANACLETO, aos 87 m., tirando partido de desatenções dos defensores aveirenses, conseguiram golos que garantiram o triunfo da sua turma.

Salientaram-se: Joca e Nartanga, no Beira-Mar; e Anacleto, Nini, Manaça, Nuno e Rocha, no Marrazes.

Arbitragem sem margem para grandes reparos.

CICLISMO

(Ovarense). 1.º Secretário — António Augusto Moreira Seabra (Sangalhos). 2.º Secretário — José André Baptista Rodes (Ovarense).

Direcção

Presidente — Fernando Pinto Gradeço (Sangalhos). Vice-Presidente — Américo Augusto Valente (Ovarense). Secretário Geral — Miguel Ângelo Cardoso Meneses (Oliveira do Bairro). 2.º Secretário — Nelson Ferreira da Silva Silva (Sangalhos). Tesoureiro — Ernesto da Silva Santos (Sangalhos). Tesoureiro Adjunto — Benício dos Santos Miguéis (Sangalhos). Vogais — Lino da Silva Neves (Oliveira do Bairro) e José Maria Marques (Recreio de Águeda). Vogais Suplentes — António Cândido Borges (Ovarense) e Orlando Augusto Mota (Sangalhos).

Conselho Fiscal

Presidente — Manuel Regueira Leite (Ovarense). Secretário — Mário Luís Ferreira Matias (Sangalhos). Relator — Vítor Manuel Almeida Rosa (Oliveira (Oliveira do Bairro).

Conselho Técnico

Presidente — Aurélio Gomes Ferreira (Recreio de Águeda). Vogais — João de Jesus Gomes (Ovarense) e Joaquim Henriques Costa (Sangalhos).

PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.º 42 DO «TOTOBOLA» ★

23 de Junho de 1968

N.º	EQUIPAS	1	X	2
1	Vizela - Famalicão	1		
2	Leça - Leixões		x	
3	Varzim Guimarães	1		
4	Gouvei.- Beira-Mar			2
5	Tramag. - Lamas	1		
6	Alhandra - Almada	1		
7	Funchal - Oriental	1		
8	Torriense-Atlético		x	
9	Sintrense Belenen.			2
10	Sesimbra - Montijo	1		
11	Lusitano - Setúbal		x	
12	Luso - Portimone	1		
13	Piedade - C. U. F.			2

PALMAS NO ESTÁDIO

O público riu, com satisfação, pois gostou daquilo a que assistiu. Voltou a haver palmas no Estádio!

Mas importa que não se cale o eco desses aplausos. O Beira-Mar está interessado em fazer reviver as Escolas de Jogadores. E, na pretérita segunda-feira, «Dia da Raça», os moços de Aveiro — nós vimos, lado-a-lado, rapazitos de meia dúzia de anos e outros com o dobro dessa idade! — mostraram que têm fibra, genica, têm raça e jeito e propensão para a bola!

Acabaram, há muito, os «viveiros» do Rossio, do Adro, do Alboi, das Pombinhas. Ali se revelaram muitos e muitos futebolistas de escol, nessas intermináveis «peladas» (o termo é recente, mas tem inteira propriedade) que saudosamente se recordam.

Hoje, os jovens não dispõem de «campos» onde possam livremente exercitar e fazer aflorar as suas naturais qualidades, aperfeiçoando-se. É pena que assim aconteça.

Por vezes, acusam-se os jovens de Aveiro de desinteresse, de inaptidão e de falta de habilidade. Nada mais injusto, parece-nos. E a resposta foi dada na segunda-feira: o que a mocidade aveirense deseja é que lhe possibilitem condições propícias e ensejo para ela mostrar o que vale, para ela afirmar as suas qualidades.

Vai o Beira-Mar, em boa hora, assim o desejamos, incrementar o futebol juvenil e pré-juvenil. Que o ânimo dos dirigentes não feneça, nessa sua louvável tarefa, canseirosa, sem dúvida, mas de largo alcance e de real interesse para a popular e prestigiosa colectividade.

Assim sucedendo, voltará a haver, continuamente, palmas no Estádio!

Basquetebol

escolhido para os treinos da equipa nacional que vai participar nos Jogos da F. I. S. E. C., marcados para Roma, ainda este mês.

Ao que sabemos, o moço esgueirense — de óptima compleição física e excelente encestador — reune fortes possibilidades de ser titular na equipa de Portugal.

Esta notícia, que, naturalmente nos enche de júbilo, não deixa, ao mesmo tempo, de nos contristar. Explicamo-nos: é que, para além do José Tavares, em Aveiro há mais elementos que mereciam ser, ao menos, convocados para os treinos da selecção nacional. Recordamos, por exemplo, Beto (Esgueira) e Farela (Galitos), que rubricaram excelentes exibições no último torneio de selecções. Os responsáveis, porém, só têm olhos para Lisboa, Porto e Coimbra... o que é lamentável e, por isso, nos entristece!

PALMAS ~~~~ no ESTÁDIO

Em dois dias consecutivos, o Estádio de Mário Duarte foi palco de acontecimentos de elevado sentido desportivo, que nos cumpre relatar e aplaudir — e muito gostosamente o fazemos.

No domingo, já na segunda parte do jogo Beira-Mar — Espinho, lesionou-se um jogador visitante. O encontro estava a decorrer e o árbitro não podia interrompê-lo. Foi então que o beiramarense Loura, de posse do esférico, o atirou ostensivamente para fora do rectângulo — dando ensejo a que fosse prestada assistência ao seu adversário. Na mesma altura, Chaves dessedentava-se (o calor era muito!) e logo foi rodeado de colegas e contrários, por igual desejosos de refrescantes gotas de água. Sem perda de tempo, o defesa aveirense funcionou *como aguadeiro, praticando uma acção sumamente louvável.*

Por isso, no domingo, houve palmas no Estádio!

E o mesmo sucedeu na segunda-feira, quando do intervalo do encontro amistoso realizado, em jeito de treino e de espionagem, entre o Beira-Mar e o Marrazes. Os jogadores tinham recolhido aos balneários, deixando, sobre o esmeraldino relvado, a bola que tinham pontapeado.

E a bola tem feitiço. Tem estranho e poderoso sortilégio e encantamento para os jovens. E aconteceu o que ninguém previa. Agora um, outro depois, imediatamente um autêntico bando de moços invadiu invadiu o fofo tapete verde, correndo, saltando, dando pontapés, cabeceando a bola, jogando-a num arremedo de «rugby»! Só visto o espectáculo! Seguramente, estiveram no rectângulo para cima de cinco ou seis dezenas de rapazes: e, em breve, surgiram novos esféricos — de borracha e de couro — que deliciaram os atrevidos invasores do campo, naqueles fugazes minutos em que tiveram liberdade total para esse cometimento.

Continua na página 7

Os treinos da prestigiosa Secção Náutica do Clube dos Galitos, orientada pelo conhecido técnico Ulisses Naia e Silva, têm vindo a realizar-se, desde Março, na Ria, após um período de preparação, iniciado em Janeiro, no tanque de Inverno.

Actualmente, o Galitos dispõe de cerca de três dezenas de remadores — iniciados, juvenis, juniores e seniores. Agnelo Casimiro da Silva e José de Ávila Gamelas são os dirigentes responsáveis da «Náutica» do Galitos, e Mário Teles é adjunto do treinador.

A equipa de «Sargentos» do Regimento de Infantaria 10, desta cidade, venceu brilhantemente o Campeonato de Voleibol da II Região Militar, que reuniu 18 concorrentes. Os jogos finais efectuaram-se em Viseu, em 5 e 6 do corrente mês de Junho.

Frederico Passos, treinador do Beira-Mar na próxima temporada, assistiu, no domingo, ao encontro Beira-Mar — Espinho da «Taça Ribeiro dos Reis», para avaliar das possibilidades dos seus futuros pupilos.

Passos foi escolhido pela Associação de Futebol do Porto para treinar a selecção portuense de juvenis (escolhida pelo seleccionador regional, o jornalista Alves Teixeira), que anteontem defrontou o grupo representativo de Lisboa, em igual categoria,

Amanhã, em Espinho, pelas 18 horas, a Secção de Badminton do Clube dos Galitos realiza uma jornada de propaganda, disputando diversos encontros de exibição entre os seus atletas mais categorizados.

A jornada efectua-se no Pavilhão do Sporting de Espinho.

O Beira-Mar rescindiu, amigàvelmente, os contratos firmados, no início da época em curso, com os futebalistas Pereira (ex-Penafiel) e Mateus (ex-Sporting), que já não pertencem aos quadros aveirenses.

A Secção de Hóquei em Patis do Clube dos Galitos passou a ser orientada pelos seguintes dirigentes: Fernando Matias (Presidente), Fernando Barreto, António Carlos Félix, Luís Augusto de Almeida Neves, Armando Gil Pires Miranda, João César Trindade e José Arnaldo.

Como treinador, encontra-se o antigo atleta António Adérito Brás Coelho e Silva. As sessões de treino realizam-se às terças e quintas-feiras (seniores) e aos sábados e domingos (escolas de patinagem).

Foram empossados, no passado dia 6, os novos dirigentes da Secção de Atletismo do Clube dos Galitos — os desportistas Gaudêncio Gomes dos Santos, António Barroco Máximo e Vidal Russo.

Nos recentes Campeonatos Nacionais de Atletismo, em juniores, realizados em Lisboa, Júlio Cirino da Rocha, do Estarreja, teve destacado comportamento: foi vencedor da prova de 1 500 metros - obstáculos, estabelecendo novo «record» nortenho, com 4 m. 32,7 s.; e ficou em 3.º lugar, nos 1 500 metros-planos, com o tempo de 4 m. 3,7 s.

XADREZ DE NOTÍCIAS

TAÇA RIBEIRO dos REIS

Zona B — 4.ª jornada:

BEIRA-MAR — ESPINHO	. . .	5-1
GOUVEIA — A. DE VISEU	. . .	1-1
SANJOANENSE — TORRES NOVAS		2-0
COVILHÃ — LAMAS	. . . . .	2-1
UNIÃO DE TOMAR — TRAMAGAL		5-3

Jogos para amanhã:

BEIRA-MAR — SANJOANENSE
TORRES NOVAS — GOUVEIA
A. DE VISEU — COVILHÃ
LAMAS — UNIÃO DE TOMAR
ESPINHO — TRAMAGAL

FUTEBOL

Tabela classificativa:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
BEIRA-MAR	4	2	2	0	13-6	6
U. Tomar	4	2	2	0	10-5	6
Sanjoanense	4	3	0	1	6-3	6
Covilhã	4	3	0	1	4-6	6
Gouveia	4	1	3	0	9-4	5
A. Viseu	4	2	1	1	4-4	5
T. Novas	4	1	1	2	9-7	3
Lamas	4	0	2	2	5-7	2
Espinho	4	0	1	3	3-13	1
Tramagal	4	0	0	4	4-14	0

Beira-Mar, 5 — Espinho, 1

Jogo no Estádio de Mário Duarte, sob arbitragem do sr. Albano Pereira, auxiliado pelos srs. Francisco Jerónimo (bancada) e Adriano Lopes (peão) — todos da Comissão Distrital de Viseu.

As equipas formaram deste modo:

BEIRA-MAR — Paulo; Loura, Evaristo, Marçal e Chaves; Brandão e Abdul; Morais, Cleo, Sousa e Almeida.

ESPINHO — Valdemar; Gomes, Alcobia, Massas e Murraças; Ribeiro e Ribeirinho; Acácio, Teixeira, Quim e Momade.

Aos 17 m., após «tabelinha» com Almeida, pela esquerda, Brandão centrou e SOUSA, de cabeça, fez o golo inaugural.

Aos 20 m., fazendo oportuna emenda a uma recarga de Brandão, CLEO arrancou um «petardo» indefensável, levando a marca para 2-0.

Aos 33 m., após brilhante trabalho de Abdul, Morais centrou, com muita força, e o espinhense GOMES, ao tentar cortar o lance, introduziu a bola nas próprias redes, por não ter podido dominá-la.

Aos 40 m., SOUSA finalizou um lance conduzido por Cleo, que permutara momentâneamente com Morais, em incursão pelo lado direito.

Aos 42 m., na marcação de um livre, assinalado por mão de Alcobia, Abdul endossou a bola em excelentes condições a CLEO. O brasileiro, em pronta desmarcação, «burlou» os defesas espinhenses e atirou, em jeito e com força, obtendo um tento espectacular.

Continua na página 7

RESERVAS

II TAÇA do NORTE

A ronda final da prova não se completou no último sábado, tendo sido adiados os jogos BEIRA-MAR — TIRSENSE (para anteontem) e GUIMARÃES — PORTO (para hoje).

Daremos os respectivos resultados na próxima semana, indicando, então, a tabela classificativa final. Nos jogos realizados, apuraram-se estes desfechos:

ACADÉMICA — LEIXÕES	. . .	3-0
SALGUEIROS — FAMALICÃO	.	5-0
VARZIM — VIZELA	. . . . .	2-2

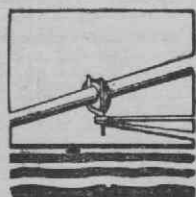
Sumário Distrital

CUCUJÃES — Campeão da II Divisão de Aveiro

Concluiu-se, no último domingo, a disputa do Campeonato Distrital da II Divisão. O Cucujães, mercê da robusta e sensacional vitória de 15-0 sobre o Vista-Alegre, assegurou brilhantemente o título, garantindo a subida à I Divisão.

Resultados da 18.ª jornada:

Cucujães — Vista-Alegre	. . .	15-0
Mealhada — Arouca	. . . . .	2-3
Macinhatense — Estarreja	. . .	4-2
Avanca — Pejão	. . . . .	3-1
Valonguense — S. Roque	. . .	1-0

Vitória do GALITOS no Campeonato de Juvenis

Em Viana do Castelo, no último domingo, realizaram-se as provas do Campeonato Regional de Remo para Juvenis (atletas de 15 e 16 anos), na Zona Norte. Na falta do respectivo Júri, e por acordo dos delegados dos clubes concorrentes, serviram de Juiz de Partida e de Juiz de Chegada, respectivamente, Ulisses Naia, do Galitos, e Amilcar Costa, do Caminhense.

Na única prova de interesse, em que houve autêntica competição, a corrida de SHELL de 4, alinharam quatro tripulações, que se classificaram pela ordem seguinte:

1.º — Galitos (Adalberto Duarte, António Manuel Simões, Manuel Ângelo Gonçalves, Augusto Maciel Estima e Manuel Evangelista Fonseca, tim.); 2.º — Caminhense (Domingos Cerqueira, Adelino Gonçalves, Carlos Alberto da Silva, Luís Amorim e João António Afonso, tim.); 3.º — Fluvial Vilacondense; 4.º — Fluvial Portuense.

Os aveirenses terminaram os 1 200 metros do percurso (que deverão ter sido muito perto de 1 600...), com cerca de dois barcos de vantagem sobre o segundo e com perto de quatro barcos de diferença do último.

Em partida simultânea, correram, isoladamente, as seguintes equipas: C. D. U. P., em «Yolles» de 4; Clube Náutico de Viana, em «Shell» de 2; e Caminhense, em «Skiff».

O Clube dos Galitos foi a única equipa inscrita em «Shell» de 8, mas não alinhou, à partida, porque fora informado de que não se realizariam as regatas apenas com um concorrente...

JOGO PARTICULAR

Beira-Mar (R.), 3 Marrazes, 4

Aproveitando a tarde de segunda-feira, dia de feriado nacional, o Beira-Mar realizou um jogo-treino da sua equipa reservista, defrontando o Marrazes, quarto classificado do Campeonato de Leiria (entre onze concorrentes).

Arbitrou o sr. Eduardo Peixinho, coadjuvado por dois juniores beiramarenses, e as equipas formaram deste modo.

BEIRA-MAR — Teixeira; Marques (Pacheco), Joca, Mónica (Nunes e Regala) e Nunes (Castro); Carlos Alberto (Rocha) e Colorado (Cândido); José Manuel, Carlos Santos (Esteves), Nartanga e Porfírio.

MARRAZES — Bastos (Nuno);

Continua na página 7

DES POR TOS

Secção dirigida por António Leopoldo

TORNEIO DA PRIMAVERA

Com toda a regularidade, prosseguiu esta prova interna do Clube do Povo de Esgueira, apurando-se, na terceira jornada os seguintes resultados gerais:

SEM NOME — RAPIDOS	. . .	V.-D.
GÉPIDAS — BÓFIAS	. . . .	28-20
TALISMÃS — 12 INDOMÁVEIS		adiado
AVARENTOS — ALA ARRIBA	.	46-18

Nas tardes de segunda-feira e anteontem, dia de feriado nacional, realizaram-se os jogos da quarta jornada, cujos desfechos indicaremos na próxima semana. Para hoje e amanhã, incluídos na quinta jornada ,estão programados estes encontros:

AVARENTOS — 12 INDOMÁVEIS
RÁPIDOS — SUPER-SÓNICOS
GÉPIDAS — TALISMÃS
SEM NOME — ALA-ARRIBA

JOVEM ESGUEIRENSE FUTURO INTERNACIONAL

José Carlos Tavares, magnífico elemento da turma de juvenis do Esgueira e componente da Selecção de Aveiro que venceu, brilhantemente, o Torneio Inter-Selecções há pouco realizado, foi

Continua na página 7

MINIBASQUETEBOL

Como noticiámos, o Núcleo Associativo de Minibasquetebol de Aveiro enviou uma selecção representativa ao torneio promovido pela A. B. do Porto, para encerramento de mais um ano de actividade.

O Núcleo de Aveiro, que funcionou apenas na Escola Primária da Glória, registou 92 inscrições, no início; e, ao longo dos treinos — realizados no Rinque e no Campo de Ténis do Parque —, contou efectivamente com meia centena de praticantes, orientados pelos monitores António Bastos, Carlos Pires, Francisco Teles e Lúcio Carlos e pelo supervisor José Nogueira.

Ao Porto, integrados na Selecção de Aveiro — que se vê na gravura — deslocaram-se: Rui Mateus (10 anos), Carlos Morais (12), Manuel Pinto (9), João Coutinho (11) e Amílcar Oliveira (11), no 1.º plano; e António Bastos (monitor), António Ribeiro (11), Alexandre Valente (11), Albino Oliveira (11), Luís Melo (12), João José Andias (12) e Carlos Pires (monitor), de pé.

Ainda este mês, o Núcleo de Aveiro promove um Torneio Interno, com a participação de quatro equipas, integradas de todos os elementos nele inscritos

Ciclismo

NOVOS DIRIGENTES DA ASSOCIAÇÃO DE AVEIRO

Em Assembleia Geral de 11 de Maio findo, foi estabelecido o seguinte novo elenco directivo da Associação de Ciclismo de Aveiro, para o biénio 1968-1969:

Assembleia Geral

Presidente — Manuel Rodrigues Oliveira (Sangalhos). Vice-Presidente — Rui Sousa Nunes Silva

Continua na página 7